



Faculdade
SANT'ANA

**SOCIALIZAÇÃO E LINGUAGEM DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES
DEFICIENTES AUDITIVOS DE UM CENTRO DE REFERÊNCIA EM SAÚDE
AUDITIVA DOS CAMPOS GERAIS: PERCEPÇÕES DE PAIS**

**SOCIALIZATION AND LANGUAGE OF HEARING-IMPAIRED CHILDREN AND
TEENAGERS FROM A CAMPOS GERAIS' HEARING CARE REFERENCE
CENTER: PARENT'S PERCEPTION**

Byanka Almeida de Camargo¹
Silvana Ribas Pedroso²
Isis Aline. L. de Souza³

Data de protocolo: 28/10/2019

Data de aprovação: 21/11/2019

Resumo: A linguagem oral e a audição estão interligadas e, contribuem de forma significativa na socialização do homem. De tal modo, deficientes auditivos têm uma realidade desafiadora com relação à socialização e, mesmo no século XXI muitos destes sujeitos ainda vivem isolados da sociedade e até mesmo da própria família. Sendo assim, a Fonoaudiologia, enquanto ciência tem como compromisso não apenas reabilitar as alterações fonoaudiológicas, mas, também promover a qualidade de vida e a inclusão social de pessoas com perdas auditivas. Mas, sendo que é nos primeiros anos de vida que o desenvolvimento linguístico é estabelecido, a presente pesquisa preocupa-se com a socialização de crianças e adolescentes deficientes auditivos, e tem como principal objetivo analisar a percepção de pais sobre a utilização da linguagem falada desses sujeitos, em contextos de socialização, atendidas num Centro de Referência em Saúde Auditiva, dos Campos Gerais, após início de terapia fonoaudiológica. Para tanto foi utilizado um questionário com perguntas semiestruturadas, para observar a opinião destes pais sobre a linguagem falada de seus filhos em contextos sociais, observando os desafios e evoluções relatadas. Tendo em vista os aspectos observados no trabalho ao que refere-se a linguagem, os pais optaram pela oralização pelo fato da independência, bem como da importância de seus filhos estarem interligados com a comunidade ouvinte. Os pais afirmam a contribuição significativa da Fonoaudiologia no desenvolvimento de seus filhos.

Palavras chaves: Fonoaudiologia. Linguagem. Pais. Perda Auditiva. Socialização.

¹ Graduanda em Fonoaudiologia. Faculdade Sant'Ana. E-mail: byanka_fono@hotmail.com

² Graduanda em Fonoaudiologia. Faculdade Sant'Ana. E-mail: silvanaribas_fono@hotmail.com

³ Fonoaudióloga. Professora Orientadora. Faculdade Sant'ana. E-mail: isismenna@yahoo.com.br

Abstract: Oral language and hearing are interconnected and contribute significantly towards the socialization of men. Therefore, the hearing-impaired face a challenging reality regarding socialization, and even in the 21st century many of these individuals still live isolated from society and even their own family. Thus, phonoaudiology as a science is committed to not only rehabilitating phonoaudiological alterations, but also to promote standard of living and social integration for people with hearing loss. However, given that it is in the first years of life that language development is established, this survey is concerned with the socialization of hearing-impaired children and teenagers, and aims to analyse the perception of parents on the use of spoken language by these subjects, in a socialization context, while being assisted at the Campos Gerais' Hearing Care Reference Center, after the start of phonoaudiological therapy. To this end a questionnaire was used, containing semistructured questions, to observe the opinion of these parents on their children's spoken language in social contexts, while observing reported challenges and developments. From the aspects observed in the language-related work, the parents opted for the oralization for independence, as well as the importance of their children being interconnected with the hearing community. The parents state the significative contribution from phonoaudiology to their children's development.

Keywords: Phonoaudiology. Language. Parents. Hearing Loss. Socialization.

1 INTRODUÇÃO

A audição é essencial para que a linguagem falada seja adquirida, tem extrema importância no impacto da relação entre os indivíduos, contribui para o desenvolvimento educacional, emocional e social do homem. Quando uma pessoa é privada deste sentido, sua inserção na sociedade é desafiadora, podendo causar prejuízos emocionais e psíquicos, pelo fato dela não conseguir muitas vezes ser compreendida socialmente (BORBOREMA, AGUILLERA, 2017). Diante disso, é possível perceber que a perda auditiva pode trazer prejuízos irreversíveis, e quando diagnosticada necessita de um acompanhamento multiprofissional, pois é nos primeiros anos de vida de uma criança que o desenvolvimento lingüístico é estabelecido, que ocorre a maturação do sistema auditivo, da plasticidade neural e da via auditiva, sendo assim, imprescindível um diagnóstico preciso e precoce (SOBREIRA et al, 2015).

Na Fonoaudiologia, a área de Audiologia Educacional abrange aspectos de audição e linguagem, desenvolvendo estratégias para que ocorra o processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem oral. Este processo é trabalhado através de estímulos da audição residual, ou seja, o pouco de audição que esta criança

apresenta irá ser estimulado juntamente com ajuda dos dispositivos de amplificação sonora, influenciando diretamente no processo de comunicação e socialização (CONSELHO FEDERAL DE FONOAUDIOLOGIA, 2015).

Neste contexto da deficiência auditiva, o presente estudo também contempla a adolescência, transição entre a infância e a fase adulta que traz momentos de construção identitária (LIMA, FREDERICO, 2013).

Mas, ressalta-se o quanto o ambiente familiar é importante para o desenvolvimento da linguagem, independente se a criança ou adolescente apresenta perda auditiva ou não, é a família quem terá maior contato com seu processo de desenvolvimento linguístico. Portanto, hipotetiza-se que maior parte das famílias estão preparadas para receber crianças ouvintes e quando isto não ocorre, a família passa por um momento considerado de “luto”, apresentando sentimentos de culpa, tristeza e várias preocupações de como será o desenvolvimento desta criança. Conseqüentemente alguns se perguntam: será que meu filho vai falar? Como vai ser daqui para frente? É neste período que eles vão à procura de auxílio multiprofissional, e o fonoaudiólogo neste momento tem um papel importante para orientação a esses pais, sobre os métodos e recursos que eles podem optar.

De tal modo, explicar aos pais sobre o contato próximo e a estimulação precoce no caso das crianças com perda auditiva, poderá trazer grandes impactos no desenvolvimento das mesmas. Sendo assim, a família bem orientada sobre o assunto, promoverá grandes benefícios para o processo terapêutico fonoaudiológico (CORRÊA, 2012).

Segundo Rabelo, De Melo (2016), a perda auditiva independente de sua severidade influencia na qualidade de vida e no desenvolvimento social do indivíduo, isso se deve sobre a importância da audição no desenvolvimento das habilidades comunicativas orais e na interação social. Considera-se que a intervenção fonoaudiológica pode minimizar o impacto causado pela deficiência auditiva, porém, somente isso não é suficiente para que a criança com perda auditiva tenha um bom desenvolvimento, e se faz necessário a participação dos pais, pois estes são essenciais para a construção da linguagem, são modelos para seus filhos, ou seja, grandes influenciadores no processo de comunicação e socialização.

Portanto, o presente artigo objetiva analisar a percepção de pais, quanto a utilização da linguagem falada de crianças e adolescentes deficientes auditivos, em contextos de socialização, atendidas num Centro de Referência em Saúde Auditiva, dos Campos Gerais, após início de terapia fonoaudiológica. Este Centro de Saúde Auditiva, dos Campos Gerais é referência há mais de 25 anos, e possui grande relevância para pesquisas na área de Fonoaudiologia.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Faculdade Sant'Ana, sob o número de parecer 3.619.908, em 08/05/2019 e realizada em um Centro de Referência em Saúde Auditiva, dos Campos Gerais, por meio de entrevista aplicada aos pais de crianças e adolescentes deficientes auditivos.

Os critérios de inclusão para este estudo foram: ter filho menor de idade em terapia fonoaudiológica, num Centro de Referência em Saúde Auditiva dos Campos Gerais, com diagnóstico de perda auditiva, sendo a mesma parcial ou total; pais que assinaram o termo de consentimento Livre e Esclarecido para participação da pesquisa e permitiram o acesso aos prontuários de seus filhos, concordando em participar do estudo e estar presente na orientação individual sobre o tema "Linguagem e Socialização". Foram excluídos desta pesquisa os pais que não autorizaram o contato com os prontuários de seus filhos; sujeitos que não tinham o diagnóstico de perda auditiva estabelecida no critério de inclusão ou que não fazia o uso do Aparelho de amplificação sonora ou Implante coclear, como também crianças e adolescentes que não são acompanhados no Centro de Referência em Saúde Auditiva em que a pesquisa foi realizada.

Os participantes foram num primeiro momento convidados a participar da pesquisa, a partir de convite realizado oralmente e pôr escrito, juntamente com coleta da assinatura do TCLE- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Num segundo momento, numa sala cedida pelo Centro de Referência em Saúde Auditiva, foram realizadas as entrevistas com questionário com perguntas

semiestruturadas (APÊNDICE 1), as quais foram realizadas semanalmente, num período de quatro meses, de acordo com a disponibilidade dos participantes.

Todas as entrevistas foram gravadas a partir de recursos audiovisuais, e as falas dos participantes foram transcritas na íntegra e consideradas a partir da Análise do Conteúdo, que preconizou três etapas seguidas, conforme Campos (2004):

1ª etapa) A pré-análise: consistiu no contato exaustivo com o material coletado para conhecer seu conteúdo, organizá-lo e sistematizá-lo de acordo com as hipóteses e objetivos da pesquisa;

2ª etapa) A exploração do material: tratou-se da análise dos enunciados em função das categorias estabelecidas;

3ª etapa) Tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

Evidenciamos que os resultados foram analisados qualitativamente, sendo selecionados trechos de fala dos participantes, a partir das transcrições realizadas, e efetivados grifos pelas pesquisadoras de acordo com as categorias de análise elencadas, para análise do conteúdo.

Após os pais responderem aos questionamentos da entrevista, foram convidados em um terceiro momento a participarem de uma vivência/orientação com o tema “Linguagem e a Socialização”, realizado de forma individual e com apoio do material de apoio da autora Martinez (2001), “A Cartilha da Criança com Deficiência Auditiva”, a qual traz importantes reflexões sobre o tema e orientações. Evidencia-se que foi entregue uma cartilha a cada participante. Tal momento foi de escuta desses pais e diálogo sobre o desenvolvimento da linguagem falada em sujeitos com perda auditiva, evidenciando o quanto pode vir a ser um processo longo, necessitando da parceria da família.

3 RESULTADOS

Foram convidados a participar deste estudo 20 pais de crianças deficientes auditivas atendidas no Centro de Referência em Saúde Auditiva dos Campos Gerais, dos quais foram excluídos 2 participantes, sendo assim participaram deste estudo 18 pais ouvintes, sendo a maioria dos entrevistados mães.

No quadro 1 é apresentado o perfil geral das crianças e adolescentes com perdas auditivas, citadas por seus pais ao longo da pesquisa. Tal caracterização foi feita através dos relatos dos pais e da análise de prontuários. Os dados permitiram identificar a média de idade, sexo, idade do diagnóstico, grau da perda auditiva, dispositivo eletrônico utilizado e tempo de terapia fonoaudiológica.

QUADRO 1: PERFIL GERAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES DEFICIENTES AUDITIVOS DE UM CENTRO AUDITIVO DOS CAMPOS GERAIS

| Sexo | Idade média do diagnóstico | Média do grau da perda auditiva | Dispositivo eletrônico predominante utilizado | Tempo médio de terapia |
|----------------------------------|---|--|--|-------------------------------|
| Predominância do gênero feminino | 2 anos e 4 meses, sendo que o diagnóstico mais precoce ocorreu ao nascer e o mais tardio com 10 anos. | Severa a profunda | AASI e IC na mesma proporção | 4 anos e 7 meses |

Fonte: Relatos dos pais e prontuários autorizados para análise

AASI = Aparelho de Amplificação Sonora Individual

IC= Implante Coclear

Observamos que há predominância do gênero feminino, com idade variando de dois anos a dezesseis anos. Ao que se refere ao grau de perda auditiva é evidente que a de grau severo está na maioria dos casos e, em relação a idade da descoberta do diagnóstico, grande parte foi diagnosticado tardiamente como afirmam outras pesquisas (SILVA E GONÇALVES, 2013). Quanto ao tempo de terapia fonoaudiológica variou de 3 meses a 14 anos, assim, considera-se que a intervenção fonoaudiológica nestes casos é de longo prazo, e tal dado corrobora com estudo de Lima e Frederico (2013) que afirmam que o tempo de atendimento da pessoa com deficiência auditiva variou de 2 meses a 11 anos.

Após referenciar algumas das características do perfil dos filhos com deficiência auditiva, iremos apresentar as categorias de análise do conteúdo das falas dos entrevistados, as quais foram nomeadas após o contato exaustivo com o material coletado, e foram sistematizadas de acordo com os objetivos da pesquisa. Assim, foram elencadas as seguintes categorias de análise:

- 1ª) Escolha decisiva: oralização *versus* LIBRAS
- 2ª) Socialização: principais dificuldades e desafios relacionados a perda auditiva
- 3ª) Linguagem falada em contexto familiar e social
- 4ª) Percepções dos pais quanto ao impacto na vida social de seus filhos, após terapia fonoaudiológica.

Os resultados são apresentados por meio de transcrição literal da fala dos participantes, conforme preconiza a análise qualitativa das falas, ou seja, análise do conteúdo. Os sujeitos são identificados por meio da letra P, seguida de um número de 1 a 18.

1ª (categoria de análise) Escolha decisiva: oralização *versus* LIBRAS

Ao serem questionados sobre o que foi decisivo no processo de escolha pela oralização, ao invés da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), os enunciados evidenciam independência, relação interpessoal, convivência e integração com a sociedade predominantemente ouvinte:

P1: *Eu acho assim, se você for no mercado ali agora e precisar de uma informação em LIBRAS, eu até perguntei esses dias para o segurança ele me disse que não tem ninguém para dar essa informação, eu citei o mercado mais pode ser o banco ou qualquer outro lugar.*

P7: *Por causa da independência [...]*

P11: *É que a gente sempre pensou assim, se ele quiser estudar LIBRAS depois que estiver maior e entendendo, é uma opção dele, mas a gente sempre pensou assim, dele ter uma vida melhor né, **pode se virar sozinho, sem depender muito da gente e saber conviver com os outros, saber conversar, escuta, trabalhar melhor**, porque tudo bem o surdo fala por*

LIBRAS e tal, mas dai eles ficam no mundo deles, só onde têm surdos que entendem ele, não convive com outras pessoas.

P10: *Acho que foi pela dificuldade dela se relacionar com outras pessoas, porque precisa que a família saiba também, porque ela vai na escola a professora e os amiguinhos não sabem LIBRAS, então a gente até quer que ela aprenda se for uma opção dela, mas assim exemplo 90% da população fala.*

P6: *Porque eu quero ouvir ele me chamar de mãe, meu marido de pai, eu quero que ele converse, que ninguém tenha que se adaptar a ele, e sim ele se adaptar a nós, porque no caso ele é um, mas na nossa família são quarenta, e então como seria assim, e tanto pela sociedade de hoje, por mais que tenha linguagem de LIBRAS né, mas seria muito difícil né e assim como na LIBRAS um integrante pelo menos tem que interagir junto para aprender junto né, então eu não penso nele fazendo sinais ou gestos assim.*

P4: *[...] a gente não quer que o filho da gente fique dependente da gente pro resto da vida e como ele era pequeno eu tinha que decidir por ele [...] Se amanhã ou depois ele chegue aos vinte anos e fale não quero escutar mais, ele pega e tira o implante e acabo, a decisão é dele, agora se ele chegar nesta idade sem implante e me cobrar, porque você não fez o implante que era uma opção que eu tinha pra escutar e você não me deu. Foi por isso que eu optei porque por mais ele não tivesse o resultado esperado que ninguém garantia, e que ninguém garante, eu tentei o que eu pude.*

Outros participantes de forma análoga citaram a escolha pela oralização como sinônimo de capacidade e possibilidade de falar, como revelam os trechos a seguir:

P3: *Porque a gente viu que ele tinha capacidade de desenvolver a oralidade, a gente viu que ele começou a falar, quando ele descobriu que podia ouvir e falar, ele começou com onomatopéias que fala NÉ? [...]*

P9: *É porque eles diziam que tinha recurso e ela tinha capacidade de ouvir, ela nunca teve contato com a LIBRAS.*

2º (categoria de análise) Socialização: principais dificuldades e desafios relacionados a perda auditiva

Ao que se refere à socialização em ambientes não familiares, a maioria dos pais mencionaram em seus enunciados que seus filhos tentam se comunicar a partir da linguagem falada e gestos em ambiente não familiar:

P12: *Sim, **ela tenta, assim do jeito dela** lá, ela se faz entender [...] Daí quando ela não consegue falar ela mostra.*

P11: ***ele se interage com a gente e com os outros**, se alguém vim falar com ele, ele responde sim, e se ele não entende, ele fala para gente não entendi.*

P9: *Se **ela tiver intimidade com a pessoa ela conversa, não fecha a boca um minuto** as vezes você precisa mandar ela parar [...]*

P14: ***Ela se socializa com todo mundo**, é incrível, é simpática tudo dá até medo [...] Mas ela usa o gesto junto com a fala.*

P3: ***Ele tenta se comunicar**, ele é dado com todo mundo [...] pra comunicação ele tem facilidade, ele se vira, se a pessoa não entender, ele dá um jeito de fazer a pessoa entender ele.*

Ainda sobre à socialização em ambientes não familiares, alguns pais enfatizaram a questão da “timidez” e isolamento:

P8: *Ele tem dificuldade de se comunicar com as pessoas, interagir na verdade com as pessoas tem essa dificuldade, ele no primeiro momento **prefere ficar acuado, ele fica no canto, ele se retrai** [...]*

P17: ***Ela fica isolada assim**, quando ela chega no lugar fica no canto dela ali [...]*

P2: ***Ela é muito tímida** e até hoje na escola é bem devagar. [...] é uma luta constante, dia após dia.*

P1: *Não muito, mais aí entra mais o outro problema de **timidez**[...] Quando uma pessoa chega para conversar com ela, **alguma coisa ela fala, mais é de forma retraída.***

P13: *[...] Quando a gente sai ela só conversa se a pessoa chega e fala com ela, porque **ela é bem tímida**, se chega, ela responde.*

No entanto, a partir do conteúdo das falas, percebemos que alguns pais acabam fazendo um intermédio para que a troca comunicativa por parte da criança e do adolescente realmente aconteça. Na percepção dos pais é possível ver que grande parte dos deficientes auditivos além do fato da timidez, não tomam iniciativa própria para linguagem falada em contexto social e até mesmo nos casos que usam também a LIBRAS para se comunicar:

P7: *Então, igual quando a gente vai ao shopping e que é para pedir o que a gente vai comer, eu sempre pergunto para ele, as vezes a moça pergunta pra ele, ai eu falo para ele responder ela [...] As vezes a moça pergunta pra ele, ai eu falo para ele responder ela [...] As vezes tenho que **interferi**. Em casa só falamos.*

P10: *Ela têm dificuldade em conversar com outros, as vezes ela fica olhando para mim para que eu faça um **intermédio**.*

P13: *Sim, porque assim às vezes, que nem **ela é difícil chegar e cumprimentar uma pessoa, essa é uma parte que eu foco e sempre to cobrando** [...] Em casa eu não uso a LIBRAS, sempre eu falo [...]*

P12: *Sim, a tipo, vamos dizer que **nois entramos aqui, ai eu mando ela fala oi, ai eu falo, fale oi, mostrando para ela em LIBRAS, o que é para ela falar.***

3º (categoria de análise) Linguagem falada em contexto familiar e social

Quando os pais foram interrogados a respeito dos desafios encontrados com relação à perda auditiva e o uso da linguagem oral em contexto familiar e social, estes elencaram dificuldades relacionadas ao conceito, ou seja, significado das palavras:

P3: *Às vezes parece que **ele não entende o significado das coisas**, quando eu vou mostrar para ele alguma coisa, como um grampeador, eu tenho que mostrar o que é grampeador e para que serve, porque as vezes eu falo alguma coisa e ele não consegue associar [...] **Eu tenho que trabalhar bem o conceito das coisas, o nome e para que é usado, se eu***

falar só o nome e não mostrar para que é, ele não consegue gravar [...]

P4: é justamente pela falta de conceitos né, porque a dificuldade dele na realidade foi o letramento, então ele foi alfabetizado e não letrado, então ele não sabe significado daquilo.

P9: [...] Ela encontra dificuldades às vezes porque têm coisas que ela não sabe, e ela vai perguntando o que a palavra significa, porque ela não sabe o significado.

Outros discursos revelaram como principais dificuldades: a compreensão da linguagem falada por parte do sujeito com perda auditiva; a inteligibilidade e velocidade de fala:

P13: [...] Se ela começa fala alguma coisa, e ela já vê que ta saindo meio errado, ela já se prende e não que continua, daí ela deixa assim e para de conversa e fica brava, muito nervosa, principalmente se ela quer fala alguma coisa rápido, ai ela já fica bem nervosa.

P15: É bastante dificuldade [...] quando outras pessoas chegam é difícil também, tem muita pessoa que não compreende e tem outras que já entendem.

No que diz a respeito ao processo de comunicação oral entre pais e filhos, pode se observar que os pais incentivam seus filhos a comunicação oral de forma mais natural possível seja ela em ambiente familiar ou não:

P2: Nós duas conversamos bastante o dia inteiro e sempre nós tamo indo em binguinho da igreja, festinha de aniversário eu levo ela e mando ela ir, onde tem algum movimento eu to empurrando ela para ir.

P3: Eu incentivo, mas às vezes nem precisa, pois parte dele, já é natural dele [...] Ele é simpático e conversa com todo mundo.

P6: Na verdade assim em casa tudo o que eu vou fazer eu falo, porque daí no caso como eu tenho minha filha normal eu procuro que ela faça o mesmo que eu faço [...] Eu nunca passei para ela que ele tinha este problema, que ele não ouvia ela, então tudo o que vamos fazer dentro de casa ou fora de

casa, nos chamamos ele e falamos a mesma coisa como se ele ouvisse sabe.

P9: Sim, eu sempre falo para ela, que têm que perguntar, porque têm coisa que ela pede para eu falar, e eu falo que têm que ser ela né, sempre to incentivando ela.

P16: Eu sempre tento falar e incentivar, que é igual na escola a aula termina as cinco e meia e ele fica até seis horas, ai ele fala pra gente ir buscar ele antes, por exemplo, porque dai ele fica ali e não conhece ninguém, ai eu falo filho mas você faça amizade, tenta conversar.

P18: Sim, a estimulação acabou virando uma coisa automática, então tudo o que se vai fazer, de certa forma é uma estimulação, tudo eu estímulo, igual eu falo que cor que é esse, se ela fala errado eu corrijo e articulo bem [...]ela já chega **conversando**, então isso ajuda bastante, nunca teve vergonha do aparelho[...]

Chama a atenção nestes trechos selecionados, o paradigma que estes pais enfrentam e vivem quanto ao preconceito da sociedade, quanto a estigmas que seus filhos podem carregar em virtude da perda auditiva. Mas quando os mesmos são questionados se seus filhos têm contato com diferentes grupos sociais como exemplo: atividades esportivas, artesanais, praças, entre outros, observa-se que grande parte apenas vai para escola e terapia fonoaudiológica:

P6: Ele só faz a fono aqui, o mapeamento em Curitiba e na escola ele frequenta o CMEI normal.

P14: Só a escola e a fono.

4ª (Categoria de análise) Percepções dos pais: Impacto na vida social de seus filhos, após terapia fonoaudiológica.

Os pais também foram questionados a respeito do impacto da terapia fonoaudiológica na vida social de seus filhos. A maior parte dos pais foram unânimes nas respostas, relatando benefícios e desenvolvimento na linguagem após intervenção fonoaudiológica.

P2: *Nossa depois que ela entrou para terapia, **nossa foi excelente** [...] Foi uma benção, acho que se não tivesse essas fonos o que seriam dos não ouvintes.*

P3: ***Ajudou muito, demais, se fosse só eu sozinha eu não sabia o que fazer, por mais que a gente leia e procurasse** [...] Eu recomendo que todos os pais que tenham filhos apresentando problemas que procurasse, pois ajuda muito.*

P9: *Sim, depois que ela começou, **teve evolução** porque a gente não sabia nem como começar né, a **Fonoaudiologia ajudou e muito em tantas coisas.***

4 DISCUSSÃO

Através da análise do perfil de crianças e adolescentes com deficiência auditiva pode-se observar que em relação a idade do diagnóstico, na maioria dos casos, este foi tardiamente realizado, variando de 0 a 4 anos; um caso com diagnóstico aos 6 anos e outro aos 10 anos de idade.

Silva e Gonçalves (2013), revelam em sua pesquisa que a maioria das crianças foram diagnosticadas entre 0 a 3 anos, tal dado é interessante pois a pesquisa das mesmas também foi realizada em uma cidade do interior do Paraná. Sendo que este dado coletado torna-se instigante para futuras investigações sobre as causas que levaram a estas famílias terem diagnósticos tão tardio, visto que a prevenção e promoção a saúde auditiva é dever do Estado, prevista na Política Nacional de Atenção à Saúde Auditiva (PNASA) instituída em 2004, sendo que grande parte das crianças nesta pesquisa tem idade entre dois a dezesseis anos, e a atenção de prevenção e promoção a saúde auditiva já existe a quinze anos (SILVA E GONÇALVES, 2013).

Outro fato que deve se levar em conta é a Lei nº 12.303, de 2 de agosto de 2010, que defende a obrigatoriedade da realização do exame de Emissões Otoacústicas Evocadas, sendo que todos os hospitais e maternidades devem realizar o teste gratuitamente, o qual têm como objetivo de detectar deficiências auditivas desde o nascimento, possibilitando diagnóstico e tratamento precoce (CONSELHO FEDERAL DE FONOAUDIOLÓGIA, 2010).

Quanto ao tempo de terapia fonoaudiológica variou de um ano a quatorze anos, o que permite constatar que a intervenção fonoaudiológica nestes casos pode ser de longo prazo, mas, também dependerá da parceria da família e o desenvolvimento de cada criança neste processo. Pois cada criança é única e tem o seu determinado tempo para desenvolvimento, sendo que o dispositivo e grau da perda auditiva podem interferir neste processo (CORRÊA, 2012).

A presente pesquisa possibilitou uma proximidade com os pais de deficientes auditivos, permitiu observar a representação que estes têm de seus filhos, fato essencial no desenvolvimento da linguagem e assim no processo terapêutico (LIMA, FREDERICO, 2013).

A linguagem é um dos aspectos mais importantes do desenvolvimento humano. Há diversas maneiras de se definir a linguagem e neste estudo, defendemos que a linguagem, se estabelece através das relações sociais, e quando ocorre a privação sensorial devido a deficiência auditiva, irá ocasionar prejuízos na aquisição de conhecimentos, afetando na interação com meio social, favorecendo a ocorrência de distúrbios de linguagem, interferindo diretamente na comunicação, bem como dificuldades biopsicossociais as quais os sujeitos estarão expostos (OLIVEIRA, GOULART, CHIARI, 2013).

Pode-se observar em nosso estudo que os pais optaram pela oralização, no sentido de propiciar independência no contexto social e condições em desenvolver a linguagem falada. A literatura corrobora com os resultados da pesquisa, visto que a fala é um fator importante na vida dos pais ouvintes de crianças com deficiência auditiva, estes de algum modo agregam expectativas da possibilidade de seus filhos utilizarem a linguagem oral, como meio de inserção ao meio social e aceitação neste contexto. No entanto, frente ao diagnóstico da deficiência auditiva os pais têm a opção de escolher qual abordagem irá seguir, seja ela a Oralização ou a LIBRAS, decisão esta que neste estudo enaltecemos como desafiadora (JOCA, et al, 2016).

De acordo com a Lei 10.436/02 a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, é considerada uma forma de comunicação e expressão, sendo um sistema linguístico de natureza visual-motora, permitindo assim, como a linguagem oral, a inclusão na sociedade, favorecendo a comunicação. Através da pesquisa pode-se perceber que a escolha dos pais foi pela oralização, pelo fato de perceberem que seus filhos têm

condições de falar e como já relatado anteriormente, eles buscam a independência para eles, devido estarmos inseridos em uma sociedade predominante de ouvintes, o qual a linguagem oral prevalece (BRITO, 2014).

As dificuldades e desafios elencados pelos participantes, como: dificuldades na linguagem em relação ao contexto semântico e os seguimentos supra-segmentais, podem interferir diretamente no desenvolvimento social destes indivíduos, visto que a linguagem é estudada para alguns autores em diferentes níveis: fonético-fonológico, sintático, semântico e pragmático. Sujeitos com perda auditiva diagnosticados tardiamente podem ter alterações em algum dos aspectos, visto que para linguagem seja desenvolvida deverá ter a integração das habilidades internas e também os fatores externos.

Outro fato que pode justificar as dificuldades destes sujeitos quanto a socialização é o engajamento da família, visto que sem a união e dedicação da família a uma equipe multidisciplinar, será difícil ocorrer o desenvolvimento cognitivo-linguístico com sucesso (PONTES; VITTO; JUSTO, 2005).

Desta forma, destacam-se nos estudos que a família é essencial para o desenvolvimento de crianças com perdas auditivas, pois são eles que oferecem o input linguístico, compensando as barreiras impostas pela deficiência auditiva.

A análise do conteúdo da fala dos pais permite afirmar que eles procuram sempre incluir seus filhos nas atividades diárias, sem que estes sejam tratados de maneira diferente, é possível observar essa integração e a participação da família, porém, quando os mesmos informam que buscam promover a socialização conforme já citado anteriormente, é contraditório, pois quando indagados sobre a inserção de seus filhos em ambientes não familiares, como: praças, grupos artesanais, esportes, entre outros, grande parte relatou, que seus filhos não são inseridos nestes locais, que somente frequentam a escola e a terapia fonoaudiológica. Esse fato pode interferir de algum modo na questão da socialização, já que alguns pais relataram que seus filhos são tímidos e possuem a pragmática afetada. Desta forma, quanto melhor a relação social e familiar, maiores serão as exigências para comunicação social destas crianças e adolescentes com deficiência auditiva, pois elas estarão imersas no meio social com uma rede de amigos e apoio, favorecendo desta

forma a comunicação das pessoas com deficiência auditiva no meio social (NASCIMENTO, et al, 2016).

Os resultados deste estudo revelam que os pais de crianças deficientes auditivas procuram incentivar estes a se comunicarem através da linguagem oral, pois quando há uma privação da audição nos primeiros anos de vida, tem um comprometimento no desenvolvimento lingüístico, causando impactos por toda a vida. Diante disso, através da pesquisa, pode-se perceber que os pais procuram sempre incentivar o uso da linguagem oral de seus filhos, sendo que esta é essencial para a interação entre os ouvintes (MORETTI, et al, 2018).

Diante disso, o sujeito com perda auditiva apresenta peculiaridades, dentre elas no processo de desenvolvimento da linguagem falada, o qual necessita da intervenção fonoaudiológica para que ocorra um desenvolvimento global, e assim, o fonoaudiólogo é profissional imprescindível nesta situação para esclarecer as possíveis dúvidas e auxiliar a família e a criança (BRAZOROTTO, 2005).

Segundo Santos e Brazorotto (2018), para que a família consiga fornecer o suporte necessário a essa criança, é essencial que ela seja orientada sobre a perda auditiva, viabilizando e demonstrando as situações favoráveis para o desenvolvimento. Após o diagnóstico, imediatamente estas orientações devem ser repassadas, esclarecendo as possibilidades e condutas a serem seguidas, grande parte dos participantes relatou evoluções e contribuições da Fonoaudiologia no desenvolvimento da linguagem oral e na socialização de seus filhos.

Os recursos tecnológicos auditivos sejam eles o aparelho auditivo ou implante coclear, conjuntamente ao processo terapêutico, tem por objetivo promover a essas crianças a construção e utilização da linguagem falada de forma eficiente, em que se possa ter uma interação e socialização de forma eficaz, conseguindo apresentar organização fonológica e desenvolvimento lexical, o mais semelhante possível com a de um ouvinte. Mas, para que isso ocorra, essas crianças e adolescentes precisam ser incluídas em atividades familiares, escolares, grupais, para que não ocorra uma privação social, e são essenciais para que aconteça o desenvolvimento da linguagem oral (COLALTO, et al, 2017).

5 CONCLUSÃO

O presente estudo teve como finalidade verificar a socialização e linguagem de crianças e adolescentes com perda auditiva através da percepção dos pais. Foi possível concluir que os pais optaram pela oralização de seus filhos, pois eles desejam que os mesmos sejam independentes, além de perceberem que eles possuem condições de desenvolver a fala bem como a socialização na comunidade ouvinte, mas, torna-se contraditório a questão em que os mesmos desejam a socialização e a inserção de seus filhos no meio social, mas, não promovem oportunidades de experiências em ambientes coletivos, afetando assim diretamente na socialização. Leva-se em consideração que a criança e adolescente com deficiência auditiva, devem ser inseridas de forma integral na sociedade, mas ainda há muito que ser feito, pois vivemos em uma sociedade com muitas discriminações e preconceitos, visto que indiretamente é visão de muitos pais que têm filhos com algum tipo de deficiência, ocasionando assim uma auto proteção, inibindo que seus filhos sejam inseridos no ambiente social. Os resultados desta pesquisa evidenciam a contribuição da Fonoaudiologia no desenvolvimento linguístico desses sujeitos com perdas auditivas, o qual os pais relatam uma melhora significativa no desenvolvimento de seus filhos, sendo que as dificuldades elencadas pelos participantes ocorrem devido a privação sensorial bem como diagnóstico tardio interferiu no desenvolvimento cognitivo-linguístico dos mesmos.

Por fim, destaca-se a importância da realização de mais estudos abrangendo o tema, devido que através dos pais é possível identificar quais são suas percepções e dificuldades, para que assim seja possível um aprimoramento fonoaudiológico, voltado a esses sujeitos impactando na sua qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

BRAZOROTTO, Joseli Soares. A Terapia Fonoaudiológica da Criança Surda. In: BEVILACQUA, Maria Cecília; MORET, Adriane Lima Mortari. **Deficiência auditiva: Conversando com familiares e profissionais de saúde.** São José dos Campos: Pulso, 2005. Cap. 10, p. 139.

BORBOREMA, Crislaine Santos; AGUILLERA, Fernanda. CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA E FAMÍLIA: DESAFIOS E CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, v. 6, n. 2, p. 132-137, 2017. Disponível em: <<https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/1209>>. Acesso em: 25 jun. 2019.

BRITO, Marlucci de. **Inclusão do surdo na escola regular**. 2014. Disponível em: <<http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/4416>>. Acesso: 06 set. 2019.

CAMPOS, Claudinei José Gomes et al. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v57n5/a19v57n5>. Acesso em: 17 fev. 2019.

COLALTO, Claudia Aparecida et al. Vocabulário expressivo em crianças usuárias de implante coclear. **Revista CEFAC**, 2017. Disponível em: <http://www.observatorio.fm.usp.br/handle/OPI/22269>. Acesso em: 13 ago 2019.

CORRÊA, Jordelina Montalvão. **Surdez: e os fatores que compõe o método áudio + linguagem oral para crianças com perda auditiva**. 3. ed. São Paulo: Atheneu, 2012. 201 p.

CONSELHO FEDERAL DE FONOAUDIOLOGIA, 2010. Disponível em: <http://www.fonoaudiologia.org.br/cffa/wp-content/uploads/2013/07/lei-12303-2010-testedaorelhinha.pdf>. Acesso em: 13 ago de 2019.

CONSELHO FEDERAL DE FONOAUDIOLOGIA, 2015. Disponível em: <<https://www.fonoaudiologia.org.br/cffa/wp-content/uploads/2015/04/cartilha-fono-educacional-20151.pdf>>. Acesso: 07 fev de 2019.

JOCA, Terezinha Teixeira; CAVALCANTE JUNIOR, Francisco Silva; HIPÓLITO, João Evangelista de Jesus; MUNGUBA, Marilene Calderaro; PIMENTEL, Deldy Moura. **Comunicação do sujeito surdo: mãos atadas, mas não silenciadas**. In: VII Congresso Brasileiro de Educação Especial/X Encontro Nacional dos Pesquisadores em Educação Especial. 2016. Disponível em <http://repositorio.ual.pt/handle/11144/2802>. Acesso em: 06 set. 2019.

LIMA, Maria Cecília Marconi Pinheiro; FREDERICO, Michele. A comunicação de adolescentes e adultos surdos de acordo com o relato da família. In.: FRANÇA, Denise Maria Vaz Romano; BAGAROLLO, Maria Fernanda. **Surdez: a importância do diagnóstico para o desenvolvimento do surdo**. Rio de Janeiro: Ed. Wak, 2013.

MARTINEZ, Z.O. **Fonoterapia da audição: a cartilha da criança com deficiência auditiva**. Revinter, 2001.

MORETTI, Claudia Andriquetto Maoski et al. Escala de desenvolvimento auditivo e de linguagem na criança implantada. **Audiol., Commun. Res**, v. 23, p. e1895-e1895, 2018. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/bvsintegralidade/resource/pt/biblio-983925>>. Acesso em: 02 set. 2019.

NASCIMENTO, Gicélia Barreto; SCHILING, Nilvana de Oliveira; UBAL, Simone Ribeiro; BIAGGIO, Eliara Pinto Vieira; KESSLER, Themis Maria. Análise da qualidade de vida de famílias de crianças surdas atendidas em um centro de referência do Sistema Único de Saúde. **Mundo saúde (Impr.)**, v. 40, n. 1, p. [81-93], 2016. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/periodicos/mundo_saude_artigos/analise_qualidade_vida_familias.pdf Acesso em: 28 ago. 2019.

OLIVEIRA, Letícia Neves de; GOULART, Bárbara Niegia Garcia de; CHIARI, Brasília Maria. Distúrbios de linguagem associados à surdez. **Journal of Human Growth and Development**, v. 23, n. 1, p. 41-45, 2013. Disponível em: <<http://www.periodicos.usp.br/jhgd/article/view/50389>>. Acesso em: 15 ago. 2019.

PONTES, Andréa de Cerqueira Lima Ribeiro; VITTO, Luciana Paula Maximino de; JUSTO, Maria Stella Crididio. Fundamentos de Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem: Linguagem. In: BEVILACQUA, Maria Cecília; MORET, Adriane Lima Mortari. **Deficiência auditiva: Conversando com familiares e profissionais de saúde**. São José dos Campos: Pulso, 2005. Cap. 9. p. 139-153.

RABELO, Gabriela Regina Gonzaga; MELO, Luciana Pimentel Fernandes de. Orientação no processo de reabilitação de crianças deficientes auditivas na perspectiva dos pais. **Revista CEFAC**, v. 18, n. 2, p. 362-368, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1693/169345656006.pdf> Acesso em: 18 maio. 2019.

SANTOS, Ingrid Rafaella Dantas dos; BRAZOROTTO, Joseli Soares. Intervenção guiada por videofeedback a famílias de crianças com deficiência auditiva. In: **CoDAS**. 2018. p. e20160256-e20160256. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2317-17822018000100401&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 19 ago. 2019.

SILVA, Luciana Santos Gerosino da; OLIVEIRA GONÇALVES, Claudia Giglio de. Processo de diagnóstico da surdez em crianças na percepção de familiares e gestores. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2317-64312013000400010&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 15 ago. 2019.

SOBREIRA, Ana Carolina de Oliveira et al. Desenvolvimento de fala e linguagem na deficiência auditiva: relato de dois casos. **Revista CEFAC**, v. 17, n. 1, 2015. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/1693/169338408035.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2019.

APÊNDICE 1 - ROTEIRO SEMIESTRUTURADO

PREZADOS PAIS: O questionário abaixo tem como objetivo verificar a percepção de vocês a respeito do impacto da terapia fonoaudiológica no desenvolvimento da linguagem e socialização de seus filhos.

Dados gerais: Idade do filho (a)?/ Você sabe me dizer o grau da perda auditiva?/Com que idade você descobriu que seu filho tinha perda auditiva?

- 1- Comente como foi o processo de descoberta/diagnóstico e também a adaptação do recurso auditivo na vida de seu filho(a)?
- 2- O que foi decisivo no processo de escolha pela oralização, pelo uso da linguagem falada, pela reabilitação auditiva ao invés da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais)?
- 3- Além da intervenção fonoaudiológica, seu filho teve contato com outros profissionais? Se sim, quais as mudanças observadas juntamente com a Fonoaudiologia? Exemplo de outro profissional: psicólogo.
- 4- Quais são as principais dificuldades e desafios que você relataria em relação à perda auditiva e o uso da linguagem oral na vida social do seu filho?
- 5- Quando seu filho está em um ambiente não familiar ele procura se socializar com outras pessoas através da linguagem falada (comunicação oral)? Como é este processo?
- 6- Além da terapia fonoaudiológica e escola, seu filho(a) têm contato com diferentes grupos sociais, como por exemplo: atividade esportivas, religiosas, artesanais entre outros? Na sua opinião, como é o uso da linguagem falada nestes locais.
- 7- Você incentiva seu filho em casa e em lugares sociais, como é este processo de comunicação oral entre você e seu filho? Como você faz isso?
- 8- Na sua opinião, após início da terapia fonoaudiológica, qual a sua percepção com relação ao impacto do acompanhamento fonoaudiológico na vida social de seu filho?